

PSEUDO-ESPERANÇA NEOPENTECOSTAL E ESPERANÇA CRISTÃ

Pesquisadores: Reinaldo Vieira Lima Júnior; Pablo Sacilotto;
André Filipe de Farias Souza e Thiago Clementino Cardoso
Orientador: Prof^º Andrey Albuquerque Mendonça
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de graduação em Teologia
Eixo Temático: Teologia Sistemática
Categoria: Pôster

INTRODUÇÃO

No trabalho a seguir temos como objetivo pesquisar as consequências da esperança cristã e conseqüentemente que reflexo isso traz aos cristãos como um todo. Fazemos uma comparação entre duas correntes teológicas distintas em busca da riqueza de uma teologia esperançosa, e alertando para o que chamamos de pseudo-esperança.

Nossos referencias teóricos são o Ricardo Mariano, sociólogo, e o alemão Jürgen Moltmann, teólogo. Para compreensão do pensamento do sociólogo consultamos a sua tese de mestrado “Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando”, defendida na USP em 1995. Quanto ao teólogo, usamos a sua principal obra “Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia Cristã”. A partir desses dois teóricos buscamos analisar o pensamento deles e compará-los aliado a nossa experiência de militância como cristãos, profundamente envolvidos com o cristianismo e com a igreja.

A problematização do trabalho consiste no fato de percebermos uma possível distorção da esperança cristã, ao que chamamos de pseudo-esperança e a nossa desconfiança está nessa possível pseudo-esperança, que esta estaria iludindo os cristãos sobrepondo assim o que de fato é, a esperança cristã.

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE COMO UMA PSEUDO-ESPERANÇA

Em sua obra intitulada “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, resultado de sua dissertação de mestrado pela USP, o sociólogo brasileiro Ricardo Mariano apresenta aos leitores, uma pesquisa sobre o desenvolvimento das chamadas igrejas neopentecostais. Nesse trabalho o referido autor apresenta de maneira linear o desenvolvimento histórico-institucional do pentecostalismo no Brasil¹.

Entre os diversos assuntos abordados, temos a caracterização da teologia da prosperidade, que Mariano devota atenção particular¹. Essa teologia serve como referencial hermenêutico para a compreensão do surgimento, desenvolvimento e concretização das práticas neopentecostais.

Historicamente essa “nova” forma de ser igreja esta ligada ao movimento religioso protestante da Reforma, que se desenvolveu a partir do século XVI na Europa.

Como em toda religião, a cristã se preocupa em responder perguntas básicas da humanidade ligadas diretamente ao sofrimento imerecido, miséria, dor, doenças, vida e morte. Caracterizada como religião de salvação, a cristã, se desenvolveu sobre essa temática que segundo Mariano (1999, p.147) invariavelmente promete aos fieis a libertação do sofrimento, seja no além ou neste mundo, seja agora ou num futuro messiânico².

Ao surgir no início do século XX nos Estados Unidos, o movimento pentecostal tem como público alvo predominante, pessoas de camadas pobres e marginalizadas; e suas características mais fundamentais são o sectarismo, o estilo ascético de vida e a desvalorização do mundo³. Não muito diferente da proposta norte americana o pentecostalismo aterrissa em solo brasileiro nos anos de 1910 com as mesmas estruturas fundamentais do início do século, esse transplante em pouco tempo toma vida e se desenvolve em solo nacional.

Contudo, seis décadas depois de sua chegada ao Brasil o movimento pentecostal passa por um grande e novo “problema”- o desenvolvimento econômico e social que trazia consigo grandes promessas de ordem e progresso para a nação. Mariano assim define esse momento:

Diante das mudanças na sociedade e das novas demandas do mercado religioso, diversas lideranças pentecostais optaram por ajustar gradativamente sua mensagem e suas exigências religiosas à disposição e às possibilidades de cumprimento por parte dos fiéis e virtuais adeptos. O sectarismo e o ascetismo cedem lugar à acomodação ao mundo, acompanhando o processo de institucionalização, ou a rotinização do carisma, do pentecostalismo (MARIANO. 1999 p.148).

Como se pode observar, a nova demanda imposta pela cultura brasileira fez com que a liderança desse movimento mudasse seu discurso. Essa reinterpretção dos princípios acima mencionados – sectarismo, ascetismo e carisma - como primordiais para os pentecostais já não fazem mais parte de seu estilo de vida. Sendo assim, para legitimar essa nova maneira de ser pentecostal, tais lideres absorvem a doutrina da Teologia da Prosperidade oriunda dos Estados Unidos – de onde obviamente importam seu novo modo de discurso. ‘Mais uma vez os E.U.A. contribuem para a fé cristã brasileira com mais uma de suas maravilhosas ideias’.

Os neopentecostais para justificarem essa nova interpretação, bem como

seu novo modo de viver, começaram a discursar para seus fiéis máximas como: “o plano de Deus para todo homem é fazê-lo feliz, abençoado, saudável e próspero em tudo” (SOARES apud MARIANO, 1999 p.157). Nesse neopentecostalismo o desejo humano de consumir é legitimado como vontade de Deus, que nessa teologia é visto como meio de se obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terreno⁴.

Através de ferramentas “dadas pelo próprio Deus, contidas na Bíblia” e ensinadas pelos pastores fazem com que Deus fique refém de suas próprias leis; ter fé, reivindicar com autoridade, “tomar posse”, dar (dinheiro) para receber (benção), seguir a risca as orientações bíblicas interpretadas pelos pastores, e jamais duvidar são características fundamentais no comportamento neopentecostal⁵.

Princípios bíblicos tradicionais do cristianismo como martírio, autonegação, auto-sacrifício, justiça e perseverança já não fazem parte da realidade das igrejas neopentecostais, pois a única ênfase é no aqui e agora, na presente satisfação e realização humana que é sempre vista de maneira individual e nunca coletiva.

Com todo esse destaque dado a prosperidade terrena fica fora de foco o discurso clássico das religiões de salvação que é a redenção após a morte⁶. Já não há mais espaço para a esperança bíblica que vê na história e no porvir a redenção de toda a humanidade.

Agora no pensamento neopentecostal o mundo é *lócus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas⁷ que se concretizam aqui e agora, nunca ali e além⁸.

A ESPERANÇA BÍBLICA SEGUNDO JÜRGEN MOLTMANN

Com a incorporação da igreja como religião oficial do estado Romano, ela passou a requerer para si as presunções do mesmo, com isso, foi deixando a escatologia, que até então tinha um poder revolucionário e mobilizador. Foi deixando de viver a espera da volta de Cristo. Com este processo a escatologia passou a ser uma doutrina das “últimas coisas”⁹, restringindo-se apenas a eventos decorridos no final quando Jesus voltar e finalizar a história a qual conhecemos, se preocupando apenas no quando e como as coisas aconteceriam. O evento escatológico foi perdendo sua significação orientadora, animadora e crítica sobre os eventos ocorridos antes do fim.

Para Moltmann a escatologia deve abordar tanto o fim como o modo como se espera este fim. Ele afirma que “o escatológico não é algo que adiciona ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã¹⁰”. A fé sem a espera pelo ressuscitado perde-se, pois a escatologia trata de Jesus e do seu futuro. Se Jesus tem um futuro por conta de sua ressurreição, as afirmações e juízos por esse fato apontam para algo no futuro a qual deve-

mos esperar. Os atributos de Cristo, não apenas mostram quem Ele foi e é, mas também implicam naquilo que Ele será e no que devemos esperar Dele. “Ele é a nossa esperança” (Cl 1.27)¹¹.

A esperança é o “fundamento, a mola mestra de todo pensamento teológico em geral”¹². O Cristianismo só poderá ser no seu pleno, com sua esperança em Cristo. Ela é uma esperança de ressurreição e demonstra toda sua verdade pela contradição do presente com o futuro, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão.

A fé embasada na esperança cristã leva o homem para fora dessa realidade, deste mundo. Moltmann define o crer como “transpor barreiras, transcender, estar em êxodo”¹³. A fé une o homem a Cristo e a esperança abre a fé para o futuro de Cristo. Por essa característica sem a fé a esperança se transforma em utopia e sem a esperança a fé decai até se transformar em uma fé morta. A fé significa “transpor, com a esperança antecipadora, os limites já rompidos pela ressurreição do crucificado”¹⁴. A fé em Cristo aliada à esperança do seu futuro não nos aliena da realidade e do presente, mas não se conforma com a opressão, com leis injustas, com a morte e nem os males dessa terra.

Cristo não é apenas o consolo em meio ao sofrimento e a dor, mas contradição criada por Deus contra o sofrimento e a morte. O protesto da promessa de Deus contra o sofrimento. A fé participa dessa contradição, ela mesma se torna uma contradição contra a morte, quando se desenvolve em esperança, não traz paciência ou quietude, mas ela é a impaciência e inquietude. Quem tem esperança não se contenta com a realidade, começa a contradizê-la. Ter paz com Deus significa ter inimizade com o mundo¹⁵.

A esperança cristã é a felicidade do presente. A espera faz com que o ser humano aceite o presente, traz a alegria em meio o sofrimento, a felicidade em meio à dor. Não significa o não sofrimento, mas têm a ciência de que há um futuro bom, que o enche de esperança nas promessas de Deus, pois confiamos no seu caráter e conseqüentemente aguardamos as suas promessas, por isso vivemos esperançosamente nas expectativas de experimentarmos o reino pleno de justiça, amor e solidariedade.

Deus é o Deus das promessas que nos faz romper as barreiras do tempo para uma certeza no futuro, cuja verdade é experimentada no decorrer da história, é o Deus que ressuscita os mortos e chama o não-ser a ser (Rm 4.17)¹⁶. Esse Deus se faz presente no momento em que esperamos por suas promessas. Ele torna o futuro plausível, pois pode ser esperado.

UMA COMPARAÇÃO ENTRE TEOLOGIAS E SUAS ESPERANÇAS

Comparando as teologias apresentadas fica evidente a grande tensão existente entre a Teologia da Prosperidade descrita pelo sociólogo Ricardo Mariano e a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann, onde, a primeira, influenciada por uma ideologia caracterizada pelo o que se deseja, seguindo uma perspectiva de produto/consumo/satisfação, reflexo de nossa presente sociedade de consumo, que anula o desejo de um futuro justo a se consumir, e a segunda, apoiada na fé cristã, convida cada ser humano a refletir no que Deus já fez no decorrer da História e a viver e participar do presente como continuidade dessa mesma História que está sendo construída e que se consumará ali e além, ou seja, no futuro.

Enquanto a Teologia da Prosperidade está em busca da auto-satisfação, do desejo de consumo imediato e da conquista do bem-estar sugeridos pela nossa sociedade atual e absorvidos por uma *pseudo-esperança* que anula a função de atrair a História para frente, a Teologia da Esperança trabalha uma fé que não está fundamentada somente no presente, mas também no futuro, no destino final que é prometido para o cristão.

Na perspectiva da Teologia da Prosperidade, pode-se observar uma distorção da fé, onde a sua certificação passa a ser a experiência imediata de Deus, garantindo que assim, esse deus realize promessas e satisfaça desejos, tendo como primícia um conceito de fé que garante um ato recíproco do Deus buscado a partir da fé que se têm no que ele pode fazer, forçando uma atitude de Deus a reconhecer o mérito humano, e por ele assim agir. Essa busca imediata pelos desejos que aprisiona o fiel e o torna um consumidor de “produtos”, gera um ciclo de satisfação e insatisfação e a busca de uma nova experiência de bem-estar em seguida da outra, ou de uma busca por um novo “produto” que supra um novo anseio desejado. Nesta inconstante busca, o fiel tende a antecipar ao presente tudo o que for possível alcançar em termos de satisfação, negligenciando assim a esperança cristã da *parusia*¹⁷ de Jesus.

Já na Teologia da esperança, a fé cristã é relacionada a uma esperança futura onde o significado de felicidade transcende o limite de auto-satisfação imediata, demonstrando através da História que a felicidade prometida por Deus não pode ser realizada em experiência humana. Aqui, a esperança cristã faz parte da vida e, a fé cristã é alimentada por essa esperança, o que faz cada cristão andar em frente e ser um colaborador da história desse reino que já se iniciou, mas, ainda não se consumou. Essa esperança não é um convite a uma espera passiva até a chegada desse reino, é, na verdade, uma força que intensifica o compromisso de cada cristão na sua construção e desenvolvimento, em gestos de solidariedade, justiça, verdade, amor, paz, fraternidade, expressos no ambiente sócio-cultural, tornando-se assim, indicativos da presença de uma nova ordem social e religiosa inaugurada por Jesus, que acon-

tece à medida que nos abrimos a essa esperança.

Ainda, baseado na esperança de que Deus é fiel e realizará suas promessas, o cristão encontra a razão de sua fé, e assim se abre para um misterioso futuro intangível à mente humana, mas manifesto nos testemunhos de fidelidade divina presentes na História. Portanto, a esperança é algo concreto na existência da fé cristã, ela é a marca do cristão que ao depositar nela a sua fé, abre as portas para um futuro último que é a vida junto ao seu criador.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final desta pesquisa com a convicção que não esgotamos o assunto por conta de sua complexidade. Mas, sabemos que alcançamos o nosso objetivo que era fazer uma reflexão sobre a tensão do conceito de esperança entre duas correntes teológicas distintas.

Percebemos o quanto a *pseudo-esperança* ilude pessoas simples que normalmente estão profundamente entregues ao discurso de seus “guias espirituais” que acabam prometendo para o aqui e agora aquilo que Deus promete somente ali e além.

O discurso neopentecostal com sua teologia da prosperidade tende a alienar as pessoas da sua realidade social, familiar e educacional. As pessoas que ouvem esse tipo de discurso são levadas a uma demasiada espiritualização da vida e tudo que a permeia, acabando como vítimas, envolvidas numa falsa esperança, por meio de promessas ditas de Deus, mas que não encontram respaldo histórico e nem registro nas escrituras, especialmente nas neotestamentárias, uma vez que o discurso dessas igrejas se baseia nas histórias veterotestamentárias, sem levar em conta o contexto da época, fazendo assim uma transposição hermenêutica direta e indevida.

Logo, chegamos ao fim de nossa pesquisa conscientes que uma teologia saudável para igreja cristã deve ter respaldo bíblico-histórico, bem como uma hermenêutica contextual com o devido respeito ao texto Bíblico. Nesse sentido a Teologia da Esperança de Moltmann tem lastro acadêmico e bíblico, para nos orientar numa esperança bíblica e verdadeira. Enquanto que a Teologia da Prosperidade mais uma vez se mostra frágil bíblica e historicamente, sendo uma teologia do produto/consumo/satisfação, que traz consigo uma falsa esperança, a qual chamamos de *pseudo-esperança*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada.

Bíblia de Estudo NVI / organizador geral Kenneth Barker; co-organizador Donald Burdick...[et AL.]. – São Paulo: Ed. Vida, 2003.

Bíblia de Jerusalém: nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Editora Paulus, 2006. 4ª

impressão.

BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.

BRAKEMEIER, Gotfried. *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

Caminhando: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, v. 13, n.22, 2º. semestre de 2008. São Bernardo do Campo, SP: Editeo / Umesp, 1982.

Estudos de Religião: Revista do Curso de pós-graduação em Ciências da Religião da Umesp, ano X, n. 11, 1995. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 1985.

HARBIN, Christopher B. *Apostila de Escatologia: estudo teológico das coisas finais - vida além-túmulo, parousia, ressurreição, julgamento, fim do mundo e o Apocalipse*. Seminário Teológico Batista do Rio Grande do Sul, 2006.

LADD, George Eldon. *Apocalipse: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1992.

LEPARGNEUR, Hubert. *Esperança e Escatologia*. São Paulo: Paulinas, 1974.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando - Dissertação de mestrado*, USP. São Paulo, 1995.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia Cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon - 3a Edição rev. e atual. Editora Teológica e Editora Loyola, São Paulo 2005.

_____, MOLTMANN, Jürgen. *A Vinda de Deus: Escatologia Cristã*. Tradutor: Nélvio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SHEDD, Russell P. *Escatologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

VALDEZ, Adylson. *O livro do Apocalipse: uma interpretação conforme a História e o simbolismo bíblico*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

¹ Para uma melhor compreensão das três ondas do pentecostalismo ler MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo, SP: Loyola, 1999, p. 28– 48.

² Ler GIUMBELE, Emerson. *Religião & Sociedade*, Vol.1 (1977). Rio de Janeiro, RJ: ISER, 1977.

³ Idem, p.148

⁴ Idem, p.158.

⁵ Idem, p.157 e 169.

⁶ Idem, p.158.

⁷ Idem, p.149.

⁸ A expressão "ali e além" foi elaborada pelo Reverendo Robinson Cavalcanti.

⁹ MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: Estudo sobre os fundamentos e as consequências e uma escatologia cristã*. 3 ed. São Paulo: Loyola e Teológica, 2005. 29pg.

¹⁰ Idem, p30.

¹¹ NVI

¹² MOLTMANN, Jürgen.

Teologia da Esperança: Estudo sobre os fundamentos e as consequências e uma escatologia cristã. 3 ed. São Paulo: Loyola e Teológica, 2005. 34pg.

¹³ Idem, p34.

¹⁴ Idem, p35.

¹⁵ Idem, p36.

¹⁶ Idem, p47.

¹⁷ Palavra grega que significa presença. É o termo usado na teologia para referir-se a segunda vinda de Cristo.